

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

DO RIO À CIDADE: A (RE)PRODUÇÃO DE UMA IDENTIDADE TERRITORIAL RIBEIRINHA NO
BAIRRO DO JURUNAS, EM BELÉM-PA

ADILTON PEREIRA RIBEIRO (UFPA)

Do Rio à Cidade: A (re)produção de uma Identidade Territorial Ribeirinha no Bairro do Jurunas, em Belém-PA¹.

Resumo: A construção das identidades territoriais reflete as experiências multiterritoriais vivenciadas pelos sujeitos individuais e coletivos. No bairro do Jurunas observa-se a presença de elementos que fogem a lógica da cidade metropolitana e se aproximam de práticas ribeirinhas. Este trabalho tenta analisar a formação de uma identidade territorial ribeirinha no bairro do Jurunas, através de um elemento que caracteriza esta identidade: o consumo do açaí. Assim, foram feitos levantamentos bibliográficos, documentais e de campo, além da realização de entrevistas com os vendedores e consumidores de “vinho” de açaí do bairro. Esta pesquisa demonstrou que o hábito de consumir o açaí é uma das expressões mais evidentes da presença desta identidade territorial ribeirinha, desde a chegada do fruto nos portos até o consumo final. Isto evidencia que o bairro do Jurunas foi constituído em grande parte por migrantes de origem ribeirinha que circulam constantemente entre as cidades de origem e a cidade de Belém. Esses migrantes, apesar de viverem na metrópole, continuam reproduzindo seus territórios sob novas bases, pois não perderam o vínculo com suas áreas de origens, colocando em operação redes de relações que se traduzem em sociabilidades e laços de afetividade, solidariedade, vizinhança.

Introdução

Os territórios no espaço urbano são dinâmicos e mutáveis e são definidos a partir de identidades nem sempre explícitas, trazendo um forte significado de pertinência de um determinado grupo a uma porção de espaço, que muitas vezes se expressa por modos específicos de comportamento.

Entende-se que esses territórios são formados por “um híbrido entre o mundo material e ideal, [...] em suas múltiplas esferas (econômica, política e cultural)” (HAESBAERT, 2004, p. 77). As identidades, neste ambiente fecundo, também tendem à hibridez, em virtude das várias influências e valores presentes na dialética de formação do indivíduo.

Esta forma de olhar a construção de identidades territoriais no espaço urbano se apresenta como ponto chave desta análise, que tem por objetivo geral analisar a “formação” de uma identidade territorial ribeirinha no bairro do Jurunas, através de um elemento que caracteriza esta identidade: o comércio do açaí. A referência empírica, no caso o bairro do Jurunas, se diferencia em relação aos demais bairros, pois está localizado na zona sul (PENTEADO, 1968), próximo à área central da cidade e constitui-se em um dos bairros mais populoso ocupado principalmente, por uma população de baixa renda, que possui um grande consumo do “vinho” de açaí.

A localização do bairro, como se pode observar no Mapa abaixo, permite constatar sua peculiaridade: proximidade ao rio e, ao mesmo tempo, a ligação com uma das áreas mais valorizadas da cidade (o bairro de Batista Campos), o que o caracteriza como um bairro multifacetado e diverso.

MAPA 1 - BAIRRO DO JURUNAS: LOCALIZADO ENTRE O RIO E A CIDADE



No primeiro momento deste trabalho, procurou-se realizar um levantamento de caráter bibliográfico acerca das produções acadêmicas sobre o tema. No segundo momento, procedeu-se ao levantamento documental de dados secundários em instituições públicas. No terceiro momento, procedeu-se o levantamento empírico de dados primários sobre a população do bairro e do hábito de consumir açaí. Como procedimento de campo fez-se uso de entrevistas semi-estruturadas, além de conversas informais com os vendedores de açaí e moradores do bairro que consomem açaí. Após a coleta de dados documentais e de campo e com o fichamento das informações bibliográficas sobre o tema, passou-se a análise e elaboração da redação final que constitui esta pesquisa.

Assim, na primeira parte deste trabalho faz-se um levantamento bibliográfico, enfatizando-se a relação entre território e identidade. Na segunda parte focaliza-se a (re)construção de uma identidade territorial ribeirinha, a partir das múltiplas redes de relações sociais proporcionadas pelo comércio de açaí. Por fim, procura-se apresentar as principais considerações finais.

1. A relação entre identidade e território: representação e usos simbólicos do espaço

Falar de território remete a elementos culturais presentes no conteúdo da prática sócio-espacial. Dentre esses elementos, a identidade confere ao território uma dimensão simbólica e representativa.

As discussões teóricas sobre a noção de identidade são freqüentemente cercadas por polêmicas e questionamentos. Contribui para a multiplicidade das abordagens conceituais da identidade o caráter de imprecisão e dificuldade de definição característicos da crescente complexidade que envolve o mundo social da modernidade. Hall (2003) afirma que se torna impossível a elaboração de idéias e conceitos conclusivos sobre o tema.

Castells (1999) entende que identidade é “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalecem sobre outras fontes de significado.” O indivíduo ou ainda um ator coletivo pode possuir identidades múltiplas. Nesse sentido, Hall (2003) destaca a concepção de identidade do sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente.

Decerto, as identidades não são absolutas, prontas e acabadas. Elas se estabelecem no convívio social, no qual se cria e recria constantemente o sistema de valores e crenças, a compreensão do sentido de objetos, ações e relações interpessoais em um determinado grupo, caracterizando-o perante os demais.

Para Santos (1996) sua construção está referenciada na escala do lugar, pois é nesta esfera que ocorrem as relações de proximidade, de convívio. A identidade é elaborada através da experiência, que acontece no lugar. Longe de ser uma idéia abstrata, é material, política e social.

Claval (1999, p.15) ratifica esta proposição quando afirma que “a identidade aparece como uma construção cultural. Ela responde a uma necessidade existencial profunda, a de responder à questão: ‘quem sou eu?’ ”.

Para Woodward (2000) a identidade é relacional e se constrói pela diferença, colocando os grupos sociais em oposição simbólica e afirmando as características que lhes conferem uma identificação particular. Neste sentido se caracteriza não tanto pela escolha de cada indivíduo, mas principalmente por valores estabelecidos coletivamente. A identidade de um grupo depende, para existir, de algo fora dele, ou seja, “é construída a partir do olhar do outro” (CLAVAL, 1999, p.14).

A identidade deve ser entendida numa perspectiva de movimento, de criação e reflexão por parte dos atores sociais. Ela é múltipla e constantemente (re) construída, nunca acabada ou definitivamente estabelecida. Deste modo, a mencionada síntese de elementos locais e globais contribui para a dialética formação do indivíduo e de sua individualidade.

Partindo dessas premissas gerais, pode-se dialogar com a geografia, no sentido de definir o que seria um estudo de identidade, a partir de uma perspectiva geográfica. Neste sentido, concorda-se com Claval (1999) quando afirma que o processo de construção de identidades apresenta, entre outras coisas, uma declarada dimensão geográfica. Desse ponto de vista, a construção do território faz parte de estratégias identitárias.

Partindo desse olhar geográfico sobre as identidades, adota-se a proposição de Haesbaert (1999) que trabalha com a dimensão territorial na construção de identidades. Segundo ele, essas identidades são definidas como socioterritoriais ou, somente, territoriais. Desta forma, a construção de identidades está intimamente ligada à organização territorial e à maneira como é percebida por quem é responsável por essa organização ou a experimenta (CLAVAL, 2001).

Para Souza (2001) é em torno de territórios, ou melhor, do que eles contêm ou simbolizam, que muitas identidades particulares, constroem-se e reconstroem-se todo o tempo. Os referenciais sejam eles temporais, espaciais, culturais ou simbólicos, permitem aos grupos sociais forjarem suas identidades. Essas identidades, enquanto objeto de análise do geógrafo, tornam-se pertinentes quando fazem alusão ao território. Haesbaert (1999) define de forma explícita o que é uma identidade social/territorial de cunho geográfico, da seguinte forma:

Toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das idéias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social [...] Trata-se de uma identidade em que um dos aspectos fundamentais para sua estruturação está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto concreto. Assim, a identidade social é também uma identidade territorial quando o referente simbólico central para a construção desta **identidade parte do ou transpassa** o território (HAESBAERT, 1999, p.172-178, grifo do autor).

Da mesma forma, Claval (1999) afirma que os problemas do território e a questão da identidade estão indissociavelmente ligados, ou seja, a construção das representações espaciais do território é inseparável da construção de identidades.

Os migrantes, por sua experiência multiterritorial, podem não apenas entrecruzar sua identidade no confronto com outras culturas, mas também levar sua territorialidade consigo, tentando reproduzi-la nas áreas para onde se dirigem. Isto não significa a perda de valor ou de relevância do território e das identidades territoriais, pois o território não se resume a base material das relações de poder. Ele constitui um meio de identificação e de reformulação de sentidos e valores (HAESBAERT, 1999).

Neste sentido, os referentes espaciais de identificação do território pertencem a uma dimensão simbólica e de representação. O símbolo confere legitimidade ao território, pois “os símbolos são os instrumentos por excelência da ‘integração social [...]’, eles tornam possível o **consensus** acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social” (BOURDIEU, 2002, p.10, grifo do autor).

O símbolo, de certa forma, demarca um determinado território, como por exemplo, “pichações” de grupos demarcando suas áreas de influência. Esses símbolos impregnam a paisagem de significado: ora valorizando-a, ora desvalorizando-a. Segundo Claval (2001) as paisagens desempenham o papel de suporte de mensagens e de símbolos. Elas são, neste caso, intencionalmente utilizadas nas estratégias de manipulação ideológica.

2. Identidades urbanas expressas no cotidiano da cidade

As relações sociais que produzem o espaço urbano não resultam apenas em formas materiais e funcionais que sustentam o processo de produção capitalista. Elas também são marcadas pelos códigos e símbolos que se constroem na vida cotidiana e que estabelecem um sentido particular no processo de produção do espaço.

Silva (2000) lembra que um olhar geográfico sobre a cidade deve contemplar o acionamento destes códigos, associados a contextos e domínios específicos, a universos simbólicos distintos, nos quais os indivíduos estão sendo permanentemente reconstruídos a partir das relações que mantêm. A cidade é construída por homens que não se esgotam numa dimensão biológica e/ou funcional, mas compõe, através de sua existência em sociedade, o processo de construção social da realidade.

A cidade, como construto social, está carregada de significados e intencionalidades. Por isso, é preciso analisar a cidade levando em consideração outros aspectos, como o simbólico-cultural, pois se constroem estratégias de uso e de identificação espacial para além dos ditames do capital, da chamada lógica formal.

Sendo assim, existem várias vertentes de interpretação da cidade, mas em cada uma delas está presente uma maneira parcial e fragmentada de ver a cidade. Contudo, entre os vários caminhos possíveis para “decifrar” os significados da dinâmica urbana, como a multiplicidade de identidades, adota-se a análise do cotidiano, onde ocorre a reprodução da vida humana e as possibilidades de apropriação do tempo e do espaço pelo cidadão (CARLOS, 2004). A cotidianidade revela a criatividade e a renovação incessante do homem. Aqui se estabelecem as estratégias de sobrevivência individual e coletiva.

Além disso, as práticas cotidianas expõem a realização da vida no plano dos espaços “banais” e reais como a rua, a praça, o bairro, através da apropriação que se realiza pelo uso. É no lugar que as relações do cidadão, do homem comum, realizam-se concretamente. Seguindo este pensamento, Carlos (2004) aponta que o homem não habita a metrópole, mas lugares da metrópole onde se desenrola sua vida.

Neste ambiente de relações pessoais e próximas, os grupos sociais se territorializam e produzem suas identidades. Assim, a cidade pode ser vista como um mosaico de territórios estabelecidos de maneira simultânea e sobreposta, como uma teia de relações entre os grupos e indivíduos. O território destas relações será diferente em função do aspecto social a partir do qual tal território é constituído.

Dessa forma, a cidade apresenta-se com uma sobreposição, articulação, justaposição de territórios. Os grupos estabelecem no convívio cotidiano, formas de “resistência”, pactos e influências para a formação de seus territórios. Tais estratégias expressam a dinâmica sócio-espacial desigual e heterogênea do espaço urbano, sobretudo quando são observadas áreas tão complexas social e culturalmente, como as áreas periféricas do centro.

A multiplicidade de territórios, muitas vezes superpostos, no espaço urbano significa também a existência de identidades territoriais híbridas, fluídas. O cotidiano forja partes destas identidades que, por sua vez, busca codificar e decodificar as mensagens deste cotidiano possibilitando a formação de uma identidade cada vez mais vinculada ao espaço em que está inserida.

Segundo Almeida (2004) ao invés de sucumbir à nova era, a cidade emerge imponente, sintetizando um constante movimento de resgate e promoção de referências. Elas serão os lugares constituintes dos intensos fluxos e convívio de pessoas de diferentes procedências e diferentes origens. A dinâmica urbana cada vez mais encantadora e difusora de fantasiosas esperanças impulsiona migrações, promovendo encontros e desencontros de

sonhos, novidades e necessidades latentes, que sufocam lembranças e antigos costumes em nome da inserção à nova paisagem.

As grandes cidades, principalmente as metrópoles, por serem complexas, constituindo-se em símbolo de modernidade, revelam múltiplas conexões de sentidos atribuídos a espacialidade e incorporam sinteticamente a mudança e a permanência, o caos e a ordem, diferentes identidades. Daí torna-se necessário entender que:

A identidade na metrópole, então, não se forja apenas nessa matriz segmentada e particular. Há sinais de uma identidade geral e generalizadora na metrópole. Em primeiro plano, a rede de relações estabelecida pelas metrópoles tende a se dar em escala mundial. Muitas vezes estamos muito mais informados ou ligados emocionalmente a fatos que ocorreram distantes milhares de quilômetros do que a outros que ocorrem no quarteirão vizinho. A outra face desse processo é o próprio sentimento de síntese vivido nestas grandes aglomerações, onde pessoas vindas das mais diferentes localidades e nações transmitem-nos uma sensação ambígua que constitui uma determinada vivência do mundo, ainda que estejamos convivendo em um lugar bem determinado (HAESBAERT, 2002, p.95).

Sendo assim, o ser citadino é a síntese de múltiplas influências (locais/globais) resultantes da incorporação dos elementos culturais com os quais entrou em contato. O que caracteriza a identidade do ser metropolitano é justamente sua variabilidade, sua diversidade, a mistura de projetos de convivência entre diferentes. Assim, “o espaço metropolitano se constitui em um território complexo onde se mesclam e se separam diversas identidades” (HAESBAERT, 2002, p.96).

Por aglutinar diferentes formas de identificação espacial, a metrópole é caracterizada por Haesbaert (2002) como o *locus* das disputas territoriais. Fica evidente que essas disputas ocorrem pela variabilidade espacial e temporal de usos da cidade, onde identidades hegemônicas buscam a homogeneização dos valores urbanos.

3. Símbolos e representação no espaço: a (re)produção da identidade ribeirinha no bairro do jurunas

O açaí tem importância fundamental para a sociedade paraense, pois “além de produzir alimentos para as diversas camadas sociais, principalmente para as camadas mais baixas, ele gera emprego e renda...” (MATOS, 1993, p. 06). Em Belém, o consumo do açaí está disseminado pelos diversos bairros da cidade, mas concentra-se, principalmente, nas áreas periféricas da cidade.

Segundo Mourão (1999, p.160) o hábito de consumir açaí é herança dos indígenas, tornando-se popular o uso da fruta a partir da chegada dos portugueses. Entre os indígenas os vinhos eram consumidos por ocasião de festas sociais como comemorações, nascimentos, batizados, etc. Além dos indígenas, ainda eram consumidores dos vinhos os ribeirinhos e os moradores dos Estados do Pará, Amazonas, Acre e Amapá.

No bairro do Jurunas o consumo do “vinho” de açaí é bastante popularizado. A frequência do consumo fica evidente nas entrevistas realizadas com os consumidores de açaí do bairro que evidenciaram a importância do açaí como alimento diário. A maioria dos entrevistados consome açaí o ano inteiro (GRAF. 1), mesmo na safra de inverno, período em que ocorre o aumento do açaí. Aliás, para quem o açaí é “sagrado” o preço não chega a ser um empecilho para adquirir o produto. Isso fica claro na fala do Sr. Miguel Araújo (morador, comerciante, entrevista realizada em outubro/2006): “o açaí é muito barato, porque às vezes compramos uma comida e não nos alimenta, mais o açaí sim. O preço não impede que a gente compre o açaí, porque nós sempre compra em qualquer período”.

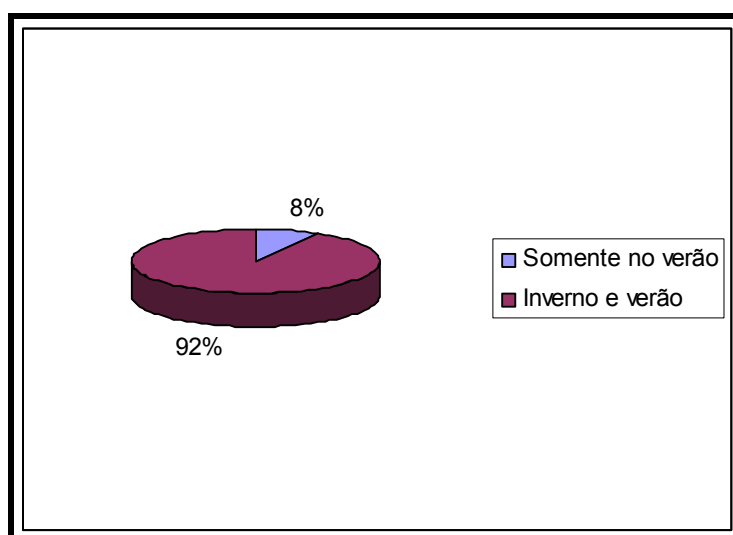


GRÁFICO 1 - Período do ano em que a população consome açaí
Fonte: Trabalho de campo, 2006

No período do verão quando ocorre um maior barateamento da matéria-prima este consumo fica mais intenso. Quando se analisa o consumo individual fica fácil entender porque no bairro do Jurunas existem inúmeros pontos de venda de açaí que funcionam em dois períodos do dia (manhã e noite). Cerca de 67% dos entrevistados compram de 2 a 3 litros de açaí cada vez que adquiri o produto. Além disso, aproximadamente 79% dos entrevistados consomem açaí todos os dias.

Este elevado consumo de açaí esconde toda uma carga cultural experimentada por essa população em outras vivências territoriais. Para essas pessoas o açaí é imprescindível no seu cotidiano. Uma espécie de “vício” sem o qual uma parte do dia perde sentido: a hora da refeição. Essa paixão pela “fruta mártir” é corroborado no desabafo da Sra. Ana Maria (moradora, funcionária pública, entrevista realizada em outubro/2006):

Eu sinto muita falta do açaí, porque tudo eu como com açaí, mas infelizmente com essa dieta tem que diminuir. Se eu pudesse eu tomava todo dia. Lá em Breves eu tinha açaí a vontade. Lá eu consumia mais, todo dia, mas devido a problemas médicos tive que diminuir. Quando eu não tomo açaí tenho a sensação que falta alguma coisa.

É interessante observar que o açaí não é encarado por essas pessoas como um simples alimento, mas como um hábito alimentar que se reproduz na metrópole. A disseminação da venda e do consumo do açaí no bairro do Jurunas está atrelado a própria formação sócio-espacial do bairro, principalmente ao incremento populacional vivenciado a partir da década de 50.

O bairro do Jurunas, desde o início de sua ocupação, apresenta uma forte ligação com o rio, devido a sua própria localização, às margens do rio Guamá. Como um bairro que se desenvolveu à beira do rio, tornou-se um espaço de estabelecimento e circulação de moradores de áreas ribeirinhas situadas próximas a Belém, principalmente das ilhas e de municípios localizados ao longo dos rios Guamá e Tocantins, além de atrair moradores do Baixo e Médio Amazonas e do Marajó.

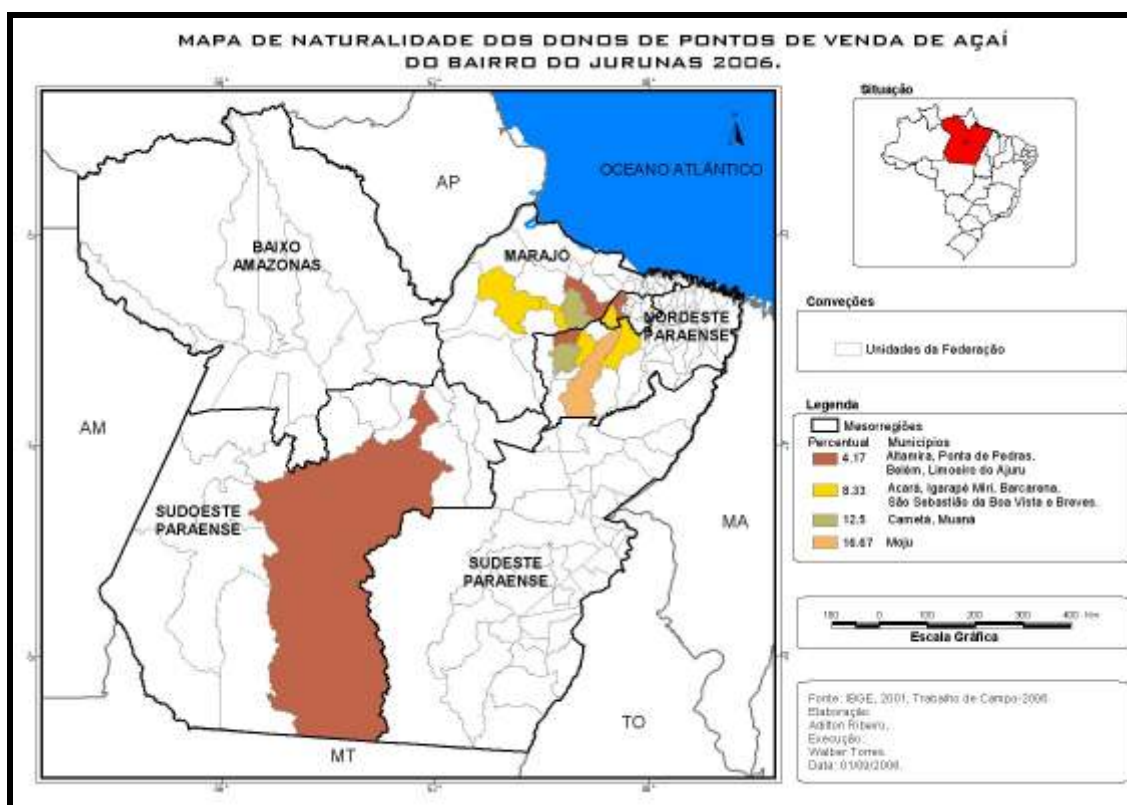
Os migrantes vindos diretamente do interior, ou estabelecidos inicialmente em outros bairros, participaram diretamente na construção do bairro, contribuindo em grande parte para sua feição atual. Soma considerável desses migrantes percorreram o “caminho das águas” até chegarem ao bairro. Vieram do rio à cidade. A porta de entrada da maioria desses migrantes foram os diversos portos localizados ao longo da orla do bairro.

Esses migrantes ribeirinhos trouxeram, não apenas seus utensílios e pertences, mas toda uma bagagem cultural, cheia de tradições, crenças, hábitos e costumes. Toda essa riqueza de conhecimentos é trazida e incorporada, com perdas e modificações, no cotidiano da cidade. A venda e o consumo do açaí são práticas desses migrantes ribeirinhos que se estabeleceram na cidade, mas não perderam seu vínculo territorial do passado.

A importância do açaí no bairro seja na venda ou no consumo, está intimamente relacionada a grande presença de migrantes no bairro, principalmente de localidades

ribeirinhas. Este dado foi confirmado no trabalho de campo, pois dos vendedores de açaí entrevistados 88% são oriundos de municípios ribeirinhos, como Cametá, Acará, Muaná, Ponta de Pedras. Desse total cerca de 17% são do município de Moju. A partir do mapa 4 é possível perceber que o açaí já fazia parte do cotidiano dessas pessoas, pois a maioria dos donos de pontos de venda trabalhavam na coleta, transporte ou comercialização do açaí em seus municípios de origem. Aproximadamente 67% dos entrevistados trabalham com a venda de açaí há mais de 10 anos.

MAPA 2 - NATURALIDADE DOS DONOS DE PONTOS DE VENDA DE AÇAÍ DO BAIRRO DO JURUNAS



O principal motivo do deslocamento desses migrantes é a busca de melhores condições de vida, através da ilusão de que na cidade terão um trabalho fixo, remunerado ou proporcionando acesso à educação dos filhos. Contudo, quando chegam à cidade, devido a baixa escolaridade, não são absorvidos pelo mercado de trabalho. Sobra como alternativa fazer aquilo que já faziam em seus lugares de origem: trabalhar com o açaí.

Neste momento, o contato com as origens ribeirinhas se fortalece, através do resgate de alguns elementos que caracterizam este território, como o porto, os barcos, as pessoas que trazem informações sobre o que acontece em seu local de origem.

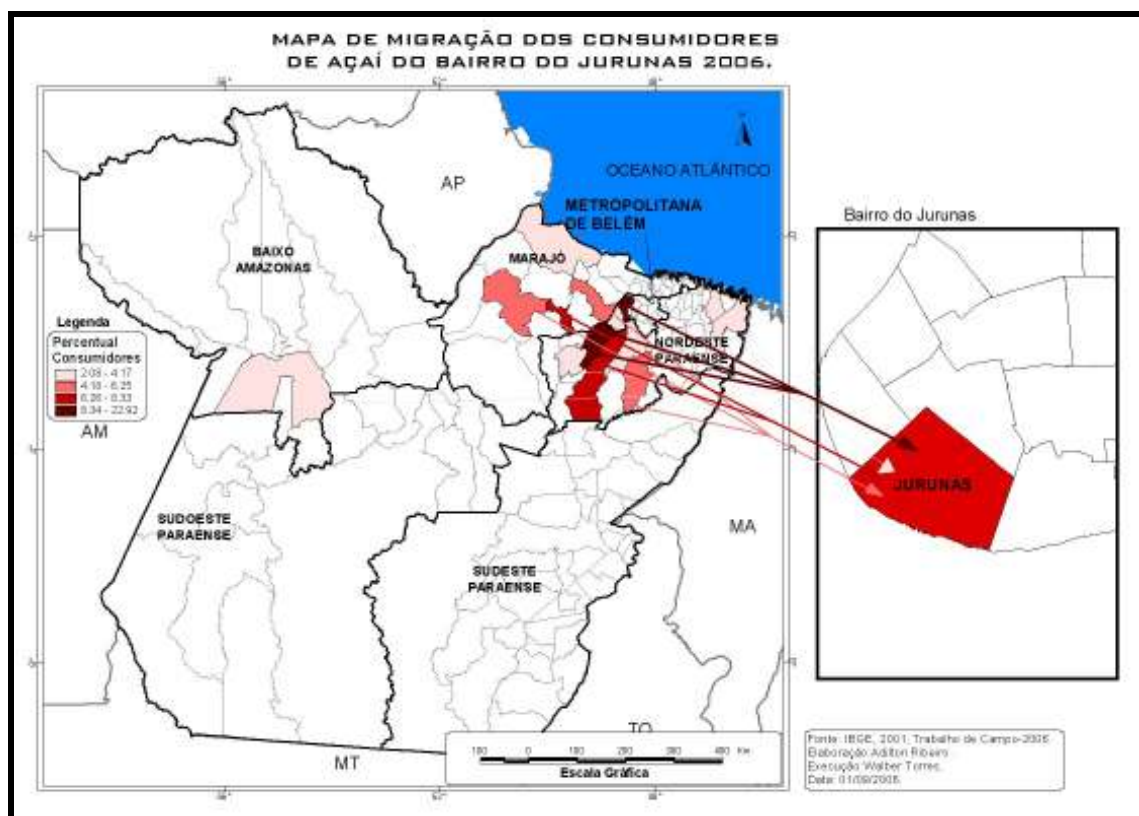
Esta mesma situação ocorre em relação aos consumidores de açaí do bairro, pois aproximadamente 65% dos entrevistados vieram de áreas ribeirinhas, de municípios que vivem em função do rio como, por exemplo, Igarapé Miri, Breves, São Sebastião da Boa Vista, Cametá, etc. Essas cidades têm um padrão urbano que converge para o rio, “com ruas e caminhos que terminam invariavelmente no porto” (OLIVEIRA, 2001, p. 200). Essa importância do rio, de uma certa forma, é reproduzida na cidade, corroborada pela existência de uma série de portos localizados ao longo da orla do bairro. Nesses portos são desenvolvidas inúmeras atividades, como a circulação comercial de passageiros e produtos, circulação de navios de grande calado, outros de pequenos barcos originários das regiões próximas à Belém que trazem seus produtos florestais, dentre eles o açaí, para serem comercializados na cidade (FIG. 1).



FIGURA 1 - Porto do açaí localizado na orla do bairro do Jurunas: espaço de circulação de uma série de produtos das áreas ribeirinhas, com destaque para o açaí.

O mapa abaixo evidencia que o sentido da migração se dirige diretamente do interior do estado para o bairro. Apenas uma minoria percorre outros municípios ou bairros até chegar ao Jurunas. A localização de parentes, amigos ou conhecidos influencia na escolha do bairro como local de moradia. A esse respeito Rodrigues (2006) detecta em seu estudo que ocorre a presença muito forte de uma rede de parentes morando não apenas no bairro, mas nas vias próximas, nas mesmas ruas, nos lados das casas, nos fundos das casas, nos altos da casa principal, do chefe da família. Interessante observar que mesmo os que nasceram em Belém possuem uma ligação de parentesco com as áreas ribeirinhas, pois muitos são descendentes de pessoas que viveram ou vivem no interior do Estado.

MAPA 3 – ORIGEM DOS MIGRANTES CONSUMIDORES DE AÇAÍ DO BAIRRO DO JURUNAS.



O motivo da migração dessas pessoas se assemelha ao observado em relação aos vendedores de “vinho” de açaí. Cerca de 85% dos entrevistados vieram na esperança de conseguirem melhores condições de sobrevivência na cidade. Esse fluxo migratório se acentuou entre as décadas de 50 e 80, período que corresponde ao grande incremento populacional do bairro. Este fato foi confirmado no trabalho de campo, pois cerca de 65% dos migrantes entrevistados residem no bairro a mais de 30 anos (ver GRAF. 2).

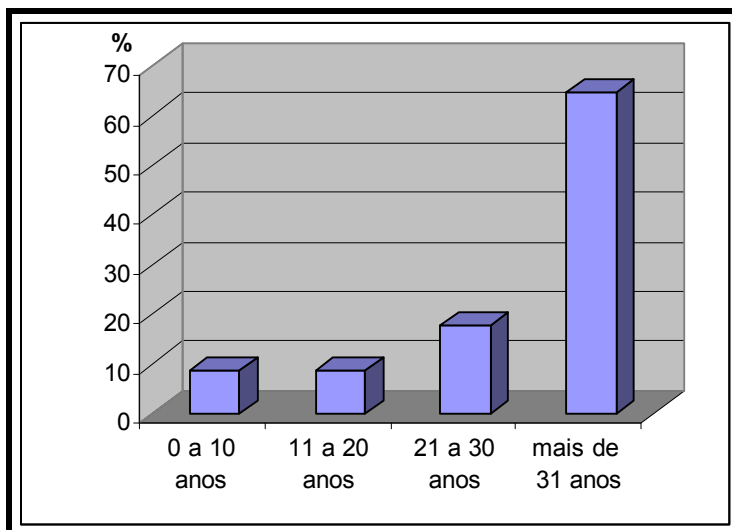


GRÁFICO 2 - Período de tempo de residência no bairro
 Fonte: Trabalho de campo, 2006

A presença desse contingente populacional migrante ajuda a explicar a importância de elementos relacionados a vivência ribeirinha, como o açaí por exemplo, que é um dos produtos mais importantes da economia ribeirinha. A presença marcante do açaí no bairro faz parte das estratégias de (re)produção de territórios desses migrantes. Isto significa que eles não romperam com seus territórios ribeirinhos. Apenas mudaram de lugar. Segundo Haesbaert (2004) não é obrigatoriamente por sair de seu território de origem que os migrantes se tornam, automaticamente, “desterritorializados”, o mesmo acontecendo em relação a sua identidade. Eles acabam se reterritorializando sobre novas bases, na cidade.

Esses migrantes não perderam o contato com o território de origem, pois continuam mantendo vínculos intensos com essas áreas. A maioria dessas pessoas continua se interessando pelo que acontece em sua cidade natal. Continua vivendo simbolicamente nas áreas ribeirinhas, pois sempre que podem estão viajando, principalmente nas férias, para reverem parentes. Além disso, estão sempre atualizados sobre a realidade de suas cidades, seja nas conversas nos portos do bairro ou através de telefonemas e visitas de parentes.

O migrante tenta reproduzir sua identidade de origem nas áreas para onde se dirigem. É claro que não ocorre um simples transplante da identidade de origem, mas um híbrido resultante da incorporação de elementos das diversas vivências territoriais que experimentaram. No bairro do Jurunas um conjunto de práticas e referenciais simbólicos remetem a presença de uma identidade territorial ribeirinha. O açaí é um desses elementos que confere uma feição ribeirinha ao bairro, evidenciada pelas sociabilidades presentes no momento da compra e venda do produto, como na forma de consumi-lo.

Dentre as práticas que remetem à identidade ribeirinha, a maneira como é consumido o “vinho” de açaí pelos moradores do bairro é um excelente retrato. A maioria das pessoas mantém o hábito alimentar de consumir o açaí durante as refeições, principalmente no almoço. Para eles o açaí não é um complemento, mas a própria refeição (às vezes, a única fonte de alimento). É consumido da mesma forma que os ribeirinhos, ou seja, com farinha de mandioca, acompanhado de outro alimento (peixe frito, camarão, etc.). Para muitos é imprescindível na hora da refeição, o que pode ser constatado em muitos relatos coletados, como o do Sr. Benedito Almeida: “se não tiver açaí do lado da comida que eu como eu não como mais, porque só desce com açaí. Eu só como se tiver uma vasilha de açaí do lado”. Dessa forma, percebe-se que a identidade aparece como uma construção cultural, através de um certo número de elementos que caracteriza o indivíduo e o grupo, como artefatos, gêneros de vida e costumes (CLAVAL, 1999).

A identidade territorial pressupõe a “alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto concreto” (HAESBAERT, 2004, p. 172). No caso do açaí, a referência territorial são os próprios pontos de venda de açaí disseminados pelo bairro, formando uma rede de pontos articulados, com o porto do açaí, por exemplo. O símbolo que caracteriza o território ocupado pela venda de açaí no bairro do Jurunas é a bandeira vermelha (FIG. 2). Ela é o sinal de que ali pode ser adquirida a fruta mais importante para grande parte dos moradores do Jurunas. Inclusive, à noite, as luzes vermelhas são o indício de que no bairro o açaí tem papel de destaque na vida da população.



FIGURA 2 - Bandeira Vermelha: símbolo característico do território ocupado pela venda de açaí

Outro elemento marcante da identidade ribeirinha, presente no bairro, é a rede de sociabilidades estabelecida pelo comércio de açaí. No bairro do Jurunas essas sociabilidades são visíveis: muitas pessoas nas ruas conversando, fazendo compras, etc. No que se refere ao comércio, especificamente no que se refere a comercialização de açaí, aglomeram-se nos postos de venda um número elevado de pessoas, principalmente nos horários próximos às 12h, confirmando a frequência do consumo do vinho de açaí no bairro. Aliás, os laços de familiaridade e afetividade se confirmam com os diálogos freqüentes entre vendedor e consumidor. Assim, esta atividade não é apenas uma relação de compra e venda, mas também de colocar o “papo em dia” sobre os últimos fatos e acontecimentos importantes do cotidiano do bairro e da cidade. Dessa forma, o açaí proporciona o encontro, a aproximação das pessoas. Esses laços de afetividade são observados no momento da compra do “vinho” de açaí, pois grande parte dos consumidores adquire o açaí sempre no mesmo local, pelo fato de conhecerem e confiarem no vendedor.

No Bairro do Jurunas ainda existem vários espaços que proporcionam o encontro, como as feiras, os portos, as festas, além do próprio comércio do açaí. Esses espaços se concentram nas áreas menos valorizadas do bairro, evidenciando que a identidade ribeirinha predomina na faixa próxima ao rio. Nesta parte do bairro, há um fluxo intenso de pessoas, bicicletas, Kombis, carros de mão, etc (FIG. 3).



FIGURA 3 - Aspecto da Avenida Bernardo Sayão, onde se observa o fluxo intenso de pessoas

Contudo, nas áreas mais valorizadas do bairro, principalmente nos limites do bairro de Batista Campos, a identidade ribeirinha é menos evidente. Nesta área a presença de

migrantes é menor, os espaços do encontro praticamente inexistentes e o açaí não é um elemento de destaque na paisagem. Na verdade, esta fração do bairro tem mais ligação com Batista Campos. Isso fica evidente no traçado das ruas, na presença da verticalização e no pouco movimento de pessoas (FIG. 4).



FIGURA 4 - Aspecto da rua dos Tupinambás: área valorizada do bairro, com pouco movimento de pessoas e de pontos de venda de açaí

Mais do que um bairro, o Jurunas é para seus moradores um lugar, seja um lugar inventado, um lugar simbolicamente construído e vivenciado por eles. Diferentemente de outros bairros mais centrais, dotados de excelentes equipamentos e serviços urbanos, o Jurunas, apesar da carência de infra-estrutura e serviços, mantém peculiaridades que o tornam singular, diverso, especial. Dentre essas especificidades encontra-se a reprodução de hábitos, vivências fundamentadas em uma outra lógica que não a formal, da homogeneização constantes nos espaços metropolitanos. Estão presentes no bairro elementos que remetem a uma identidade territorial ribeirinha, em virtude da grande presença de migrantes do interior do Estado.

4. Considerações Finais

Retomando rapidamente alguns resultados obtidos ao longo do trabalho, percebe-se que o bairro do Jurunas, por sua localização territorial, configura-se como uma espécie de extensão do interior. Por outro lado, o bairro também possui elementos que remetem à modernidade, a uma feição metropolitana, evidenciados pelos edifícios localizados nas ruas mais valorizadas, as lojas, comércios, supermercados, etc. Esta diversidade é marcante no bairro, conferindo-lhe uma especificidade própria.

A importância do açaí para o bairro, não se deve apenas ao incremento econômico que proporciona aos que trabalham com a comercialização, seja do fruto, nos portos ou do “vinho” nos pontos de venda. Também é uma importante fonte de alimento para as classes populares do bairro, além de articular uma rede de relações de afetividade, compadrio e solidariedade, reforçada em diversos momentos da comercialização do produto, como nas feiras e pontos de venda.

Esta atividade evidencia uma forte presença ribeirinha no bairro, pois o açaí é um elemento que tem sua origem nos municípios do interior do estado, principalmente dos localizados ao longo dos rios. Isto evidencia que o bairro do Jurunas foi constituído em grande parte por migrantes de origem ribeirinha que circulam constantemente entre as cidades de origem e a cidade de Belém. O bairro se distingue de outros bairros também periféricos, mas de ocupação mais recente, cujos moradores chegaram através da malha rodoviária. Diversos portos localizados no rio Guamá, ao longo da Avenida Bernardo Sayão garantem ainda hoje, aos moradores da cidade, migrantes ou não, as entradas e saídas por via fluvial.

É a grande presença desse conteúdo populacional migratório no bairro que faz com que alguns usos, costumes, hábitos ribeirinhos se reproduzam no cotidiano da metrópole. Dentre esses usos merecem ser mencionados os inúmeros pontos de venda de açaí disseminados pelo bairro, os portos, as feiras, dentre outros.

Ao longo do trabalho ficou evidente que esses migrantes ao se instalarem no bairro tentam reproduzir seus territórios e identidades, não da forma original, mas incorporando novas práticas construídas no mundo urbano. São indivíduos híbridos, que ainda possuem uma forte ligação com as áreas ribeirinhas, seja através de contatos diretos ou indiretos. Mesmo na metrópole continuam reproduzindo suas identidades territoriais ribeirinhas e mantendo uma forte ligação com seu local de origem.

O hábito de consumir açaí é uma das expressões mais evidentes da presença desta identidade territorial ribeirinha no bairro, desde a chegada do fruto nos portos até o consumo final. Isso quer dizer que os migrantes que se estabelecem em definitivo no bairro, não cortam completamente as relações com seus lugares de origem, onde possuem parentes, amigos e conterrâneos. Pelo contrário, em vários momentos esses laços são reforçados, como nos “encontros entre os iguais” proporcionados pelo comércio de açaí.

Estes migrantes que viveram experiências multiterritoriais, quando chegam na cidade procuram reproduzir seus territórios, principalmente o território simbólico, da representação. Neste sentido, o açaí é o símbolo territorial que proporciona o resgate dessas

origens ribeirinhas. É o indício de que o migrante não perdeu seu referencial territorial e sua identidade.

Contudo esta identidade não se reproduz de forma homogênea no bairro. Assim, ocorre uma concentração de pontos de venda nas áreas menos valorizadas do bairro, onde predomina a população de baixa renda, de origem ribeirinha, em sua maior parte. Essa área corresponde a faixa que se situa nas proximidades do rio, acompanhando a Avenida Bernardo Sayão. É aí que as sociabilidades são mais evidentes, com a existência de redes de parentesco e conterraneidade. Nas áreas mais valorizadas, por sua vez, ocorre uma certa negação dessa identidade ribeirinha, pois os elementos que a caracterizam estão praticamente ausentes.

Diante do que foi exposto percebe-se que as identidades são construídas e reconstruídas por migrantes ribeirinhos no bairro do Jurunas. Isto confirma a idéia de que o bairro do Jurunas possui uma localização peculiar, não apenas física, mas principalmente simbólica: está entre o rio e a cidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. C. de. Identidade Territorial: a geografia das construções e dissoluções culturais urbanas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 6., 2004, Goiânia. **Anais...**, Goiânia: AGB, 2004.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CARLOS, A. F. A. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2004.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 2 v. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 530 p.

CLAVAL, P. O território na transição da pós-modernidade. **Geografia**, nº 2 (Ano I). Niterói: Pós-graduação em Geografia, 1999.

_____. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 35-86.

HAESBAERT, R.. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 169-190.

_____. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 400 p.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 102 p.

MATOS, D. R. **A importância do fruto açaí na forma de comercialização do vinho e outros derivados para a região metropolitana de Belém.** Belém: UNAMA, 1993.

MOURÃO, L. **Do açaí ao palmito: uma história ecológica das permanências, tensões e rupturas no estuário amazônico.** 1999. Tese (Doutorado) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 1999.

OLIVEIRA, J. A. de. As pequenas cidades da Amazônia: espaços perdidos e reencontrados. In: DAMIANI, A. L.; CARLOS, A. F. A.; LIMA, O. C. de. **O espaço no fim de século: a nova raridade.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 199-213.

PENTEADO, A. R. **Belém do Pará: estudo de Geografia Urbana.** 2. v. Belém: UFPA, 1968.

RODRIGUES, C. I. **Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades entre ribeirinhos em Belém-PA.** 2006. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional.** 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, J. M. Cultura e territorialidades urbanas – Uma abordagem da pequena cidade. **Revista de História Regional**, Paraná, n. 5, 2000. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 15 fev. 2006.

_____. Território do outro, problemática do mesmo? O princípio da autonomia e a superação da dicotomia universalismo ético versus relativismo cultural. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Religião, identidade e território.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 145-176.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 7-72.

¹ Este texto faz parte da monografia de conclusão do curso de Geografia da UFPA, defendida em 2006.